



Religio et civilis: (re)inventar a si e ao outro

Mauro Meirelles



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/eces/466>

DOI: 10.4000/eces.466

ISSN: 1647-0737

Editora

Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

Refêrencia eletrónica

Mauro Meirelles, « *Religio et civilis: (re)inventar a si e ao outro* », *e-cadernos CES* [Online], 08 | 2010, colocado online no dia 01 junho 2010, consultado a 01 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/eces/466> ; DOI : 10.4000/eces.466



RELIGIO ET CIVILIS: (RE)INVENTAR A SI E AO OUTRO

MAURO MEIRELLES

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Este artigo versa sobre as relações entre o campo político e o campo religioso. Sobretudo, ocupa-se do modo como agentes religiosos e políticos se colocam nestes dois campos. Outrossim, resultados preliminares apontam para uma (re) invenção do rito, onde novas discursividades emergentes tomam corpo: o religioso politizando-se na busca da reconquista do espaço perdido entre os fiéis, o político sacralizando-se na tentativa de mostrar-se como detentor de valores e crenças caras aos cristãos.

Palavras-chave: religião; política; Porto Alegre; eventos religiosos; eleições.

Fazia pouco que o ano de 2008 havia iniciado. Todavia, a agenda política já estava lotada, era ano de eleição municipal e no dia 2 de fevereiro teria lugar a primeira procissão religiosa católica do ano em Porto Alegre, a 133ª Procissão de Nossa Senhora dos Navegantes. Estimativas da Brigada Militar sugeriam a presença de cerca de cem mil pessoas, conforme informado pelo 9º Batalhão da Brigada Militar, responsável pelo policiamento na área. Fiéis nas ruas do centro, políticos na área e antropólogos observando a cena.

Contudo, nossa ida a campo não estava direcionada, naquele momento, para as relações que ali se teciam entre o político e o religioso, mas sim em observar a participação dos afro-brasileiros na procissão e a forma como elementos da tradição religiosa afro-brasileira eram sincretizados com outros provenientes do catolicismo. Buscávamos, sobretudo, saber se Iemanjá e Nossa Senhora dos Navegantes eram tidas como sendo uma entidade una ou dual. Todavia, no desenvolver da procissão outros elementos nos instigaram a atenção, em especial, a participação de autoridades políticas e a forma como estes, no decorrer da mesma desempenhavam o papel a eles atribuído.

Neste sentido, alguns fatos nos chamaram especial atenção, dentre eles: 1) a participação conjunta de políticos conhecidos, notadamente por suas rivalidades partidárias que, no dia da procissão, andavam lado a lado diante do povo e das câmeras da televisão; 2) a ausência do vice-prefeito de Porto Alegre, o Sr. Eliseu Santos, declaradamente evangélico, mas que, no uso de suas atribuições legais, devia se fazer presente ao evento; 3) o embate político-religioso que parecia cercar a procissão, no que tange ao sincretismo e à presença de afro-brasileiros na mesma.

Desta maneira, no presente texto me ocuparei da análise deste evento-chave em específico e de três cenas etnográficas a partir das quais buscarei explorar, em diálogo com a literatura pertinente ao tema, a forma como religião e política têm-se misturado em diversos momentos, em especial nos anos eleitorais e em eventos religiosos que mobilizam um grande número de pessoas. Portanto, importa lembrar que estarei, no decorrer deste trabalho, cruzando dados etnográficos colhidos por mim junto à referida procissão com pesquisas levadas a cabo por outros colegas antropólogos apresentadas em artigos, por sua vez publicados na Revista Debates do NER¹ que, tradicionalmente, dedica a cada dois anos um número ao estudo das imbricações entre o político e o religioso.

1. PRIMEIRO ATO: A RUA COMO ESPAÇO DE RELIGIOSIDADE

Cena 1: Na Igreja do Rosário estão presentes no momento da missa, a governadora do Estado Yeda Crusius e a Deputada Federal Maria do Rosário, do lado de fora da mesma encontrava-se o presidente estadual do Partido dos Trabalhadores, Olívio Dutra que conversava com populares. Ao longo do caminho carros de som da rádio Aliança conclamam os fiéis a entoarem cânticos a Maria [...] Durante todo o trajeto os religiosos ligados à organização da procissão distribuía material com as letras dos cânticos aos que acompanhavam a procissão, os quais, quando convocados pela equipe de som da Rádio, entoavam os cânticos.

Tradicionalmente a rua é tida como o espaço do público em oposição ao espaço da casa, do privado, como já preconizava Da Matta (1981; 1991). Todavia, há momentos em que determinados grupos de pessoas se apropriam de espaços públicos para fins privados, um desses casos é quando a rua é palco para procissões e romarias religiosas. Quando isto acontece, a esfera do privado transcende para o espaço público e milhares de pessoas se reúnem nas ruas com um fim comum: o de professar sua fé, o de

¹ Revista publicada pelo Núcleo de Estudos da Religião (NER/UFRGS) e disponível *on-line* em: <http://seer.ufrgs.br/debatesdoner>

demonstrar sua devoção. Na procissão de Nossa Senhora dos Navegantes realizada no dia 2 de fevereiro de 2008 isso não foi diferente.

Mas há contudo, na cidade de Porto Alegre, outros momentos em que isso também é manifesto por ocasião de festividades religiosas ligadas a diversas denominações religiosas quando, por exemplo, os evangélicos ocupam com Silas Malafaia² o entorno da Usina do Gasômetro,³ os afro-brasileiros a orla do Guaíba⁴ na praia de Ipanema em razão da Festa de Oxum ou na de São Jorge/Ogum,⁵ os pentecostais da Deus é Amor o parque da Harmonia,⁶ entre outras tantas. Mas existem também manifestações desta ocupação que não são tão grandiosas – e que não chamam tanto a atenção – quando, por exemplo, a esquina recebe ebós e obrigações de afro-brasileiros, depósitos e teatros que outrora tinham outras funções se transformam em templos religiosos de novas denominações pentecostais emergentes. No contexto da cidade, tais pedaços (Magnani, 1984; 2000) são recortados por esses grupos e tornam-se espaços urbanos de religiosidade, formando, no cotidiano dos grandes centros urbanos, pequenos fragmentos de um grande caleidoscópio que ora podemos visualizar em sua unicidade, ora transbordam para outras esferas da vida social.

Todavia, existem muitas formas de expressão religiosa e muitos são os modos pelos quais as pessoas expressam sua religiosidade e contato com o sagrado. Tais mudanças nessa expressão e nesse contato com o sagrado geraram muitas vezes cisões na história das religiões, das quais emergiram novas denominações religiosas, tidas como mais eficazes e detentoras de maior “credibilidade” entre aqueles que buscam uma forma mais fervorosa de expressar/animar a sua fé.

² Líder religioso de uma das diversas convenções da Assembleia de Deus e *chairman* de um ministério de evangelização que possui programas de rádio e televisão, o qual, leva o próprio nome de seu líder, o Ministério Silas Malafaia.

³ Tradicional espaço cultural da cidade de Porto Alegre, localizado nas margens do rio – o Guaíba – e que, dada a sua beleza e proximidade do centro, é frequentemente utilizado para a realização de eventos públicos e privados. É aliás considerado um símbolo da cidade e um forte elemento urbano constituinte do imaginário da mesma; diz-se ter o pôr-do-sol mais bonito do mundo e constitui ponto de parada obrigatória, principalmente no final da tarde, em muitos roteiros turísticos.

⁴ Rio de água-doce, também classificado pelos geógrafos como estuário, que banha a cidade de Porto Alegre e que tem em sua orla uma ciclovia de vários quilômetros de extensão, a Usina do Gasômetro (tradicional espaço cultural da cidade), o anfiteatro Pôr-do-Sol (espaço ao ar livre utilizado para shows e eventos), os Parque Marinha do Brasil e da Harmonia (espaços de lazer e esporte), além de algumas praias de água-doce. Dentre estas se destaca Ipanema com seus bares e música ao vivo que, em determinadas épocas do ano, é utilizada para a realização de algumas festas religiosas ligadas às religiões de matriz africana e afro-brasileira tais como o batuque, a umbanda e candomblé.

⁵ Tanto a Festa de Oxum, realizada no dia 8 de dezembro, como a Festa de São Jorge/Ogum, realizada no dia 23 de abril, ambas na praia de Ipanema, são festividades ligadas às religiões de matriz africana e afro-brasileiras que reúnem um grande número de pessoas, tanto praticantes da religião como apenas simpatizantes e curiosos, de modo que, nestes dias, a orla de Ipanema é ornada com as cores e as comidas destes dois orixás. Estes, aos pés do monumento a Oxum lá existente, fazem as suas oferendas/os seus préstimos às entidades de seu panteão religioso reafirmando, assim, os seus laços com a religião.

⁶ Outro parque da cidade, também ao ar livre, situado próximo da orla do Guaíba que, assim como a Usina do Gasômetro, é utilizado para realização de eventos que reúnem um grande número de pessoas.

Entre os evangélicos, tal movimento deu origem ao que comumente denominamos na literatura especializada de *as três ondas do pentecostalismo* e onde, marcadamente, se passou da glossolalia (1ª onda) para a cura divina (2ª onda) e, em seguida, para a individuação da crença através da noção de guerra espiritual ligada à teologia da prosperidade (3ª onda). Movimento semelhante se observou entre os católicos através da Renovação Carismática Católica (RCC).

Tal movimento de renovação (RCC), ocorrido dentro da Igreja Católica, tem a sua origem em um movimento católico surgido nos Estados Unidos em meados da década de 1960, que se voltava para a experiência pessoal com Deus, particularmente através dos dons do Espírito Santo. Neste sentido, este movimento buscava, sobretudo, introduzir nos ritos e na liturgia católica uma nova forma de evangelização voltada para a experiência pessoal do fiel e a sua relação com Deus. Experiência semelhante, também, é levada a cabo quando a Igreja Católica volta os seus esforços de evangelização para romarias e procissões, ambas ligadas a santas e santos oriundos do catolicismo popular e/ou de crenças resultantes de determinadas comunidades que alçam pessoas que participaram durante muitos anos da vida da comunidade à condição de beato ou santo, como atestam as canonizações recentes de Frei Galvão e Madre Paulina.

Na teologia católica e na crença das pessoas que participam dessas procissões e romarias organizadas em torno de determinado santo, padroeiro ou beato, a participação do fiel e o seu sacrifício estão, em grande parte, ligados à noção de sacrifício físico e purificação (Salvador, 2006). Sacrificar o corpo através de uma caminhada extenuante imposta por uma romaria ou da realização de um trajeto de 4 km com os pés descalços sobre o asfalto da Igreja do Rosário até à Igreja de Nossa Senhora dos Navegantes é, para essas pessoas, sinal de fé, de gratidão, de agradecimento por graças recebidas, mas, sobretudo, uma forma de aproximação destes com o espaço do sagrado.



E assim, no momento em que a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes sai da Igreja do Rosário e ruma para a Igreja de Navegantes, esta torna o mundo em sagrado e a rua em um espaço onde a religiosidade é manifesta. No dia anterior à procissão, no Mercado Público de Porto Alegre, afro-brasileiros viveram algo semelhante àquilo que observamos entre os católicos quando, dias antes, estivemos na Igreja do Rosário e observamos que estes traziam em suas mãos documentos pessoais para serem colocados ou sacralizados junto à imagem de Nossa Senhora dos Navegantes.

Ainda nesta direção, no dia primeiro de fevereiro quando estava indo para a universidade e resolvi entrar no Mercado Público de Porto Alegre,⁷ casualmente, deparei-me com um barco com a imagem de Iemanjá bem no centro do Mercado, onde, segundo conta a narrativa mitológica daqueles ligados às religiões afro-brasileiras, está enterrado o assentamento do Bará, a entidade que abre caminhos, o guardião das casas e das cidades (Oro, 2007). Em torno da imagem havia umas 20 pessoas, além dos encarregados religiosos que gerenciavam o contato com as pessoas, e davam “banho de ervas”, colocavam documentos e flores dentro do barco – algo semelhante ao que observamos na Igreja do Rosário no dia seguinte. Além destes havia uma fila de cerca de 40 pessoas que aguardavam para tomar “passes”, ministrados por uma religiosa que aspergia um chumaço de folhas para limpeza de energias negativas.

É interessante ainda lembrar que, logo abaixo da mesma, havia uma imagem de Nossa Senhora dos Navegantes em tamanho reduzido, e que segundo conversa travada com religiosos presentes no local, esta seria conduzida naquela mesma noite até à Usina do Gasômetro, onde alguns religiosos realizariam as suas homenagens à Iemanjá. Talvez, este, o motivo pelo qual observamos uma presença muito pequena de religiosos afro-brasileiros, visualmente identificáveis, na Procissão dos Navegantes no dia seguinte. Nesta observamos no dia 2, entre a procissão, apenas uma senhora trajada com roupas de religião e um homem levando um barco com uma imagem da Santa sobre sua cabeça.

⁷ Segundo Oro (2007: 31), o Mercado Público de Porto Alegre detém no imaginário da cidade um lugar de destaque, por ser um espaço importante de sociabilidade. “Mais que um lugar turístico, um signo de Porto Alegre e um patrimônio histórico e cultural da cidade, o Mercado Público Municipal constitui um espaço democrático, que recebe diariamente milhares de indivíduos de todas as camadas sociais, de todas as etnias e de todos os credos”, incluindo-se nisso a narrativa mítica existente entre os afro-brasileiros de que lá, no centro de Mercado, estaria enterrado um assentamento destinado ao orixá Bará, motivo pelo qual muitas cerimônias públicas desta religião têm o Mercado como um lugar de dotado de axé, funcionando como um ponto de partida em sua cosmogonia.



Outrossim, em conversas realizadas com pais-de-santo na capital, em dias anteriores à procissão, temos que a tônica das informações prestadas por estes nos informavam que Navegantes e Iemanjá eram entidades diferentes. Segundo eles, ambas eram muitas vezes confundidas em razão de questões históricas relacionadas à época da escravidão, onde acabavam sincretizadas em função da necessidade que se impunha aos negros, pela religião dominante (o catolicismo), de cultuarem entidades católicas aos olhos dos senhores de escravos. No entanto, na sua cosmologia e crença eram tributários, na verdade, aos orixás da sua terra natal.

Outra questão, também referendada por estes, é que, em virtude do carnaval e do sincretismo das crenças afro-brasileiras com o catolicismo, muitos terreiros e casas de religião não estariam desenvolvendo atividades em virtude de os dias de carnaval serem considerados como dias da “festa da carne” e, por esta razão, os “quartos-de-santo” estariam fechados e seus filhos liberados para a Festa. Neste sentido, como colocaram diversos pais-de-santo contatados, tal reserva se mostra infundada na cosmologia nativa afro-brasileira, mas em razão de crenças católicas que ainda se fazem presentes no interior do campo afro-brasileiro é normal que, ainda por algum tempo, isso seja observado.

Outra justificativa dada para esse apartamento de crenças, reside em uma narrativa bastante recorrente entre os pais-de-santo contatados, que destacam o fato de que muitos religiosos iam à praia render suas homenagens a Iemanjá, principalmente os mais esclarecidos, pois estes sabiam que tal reserva era infundada em sua cosmologia. Já no que tange à Procissão dos Navegantes em específico, temos que estes, em sua análise, relacionam o esvaziamento da participação dos afro-religiosos com o fim da procissão fluvial, uma vez que, segundo a teoria nativa, a participação destes na festa estava, em

grande parte, relacionada à possibilidade de estarem na água e lá renderem as suas homenagens a Iemanjá, como hoje fazem à beira-mar.

O que se constata a partir do exposto é um duplo movimento que, ao mesmo tempo que mostra o forte sincretismo entre os afro-religiosos que trazem para seu panteão de crenças imagens e restrições inerentes à sua relação histórica com o catolicismo, estes, também, com o fim da procissão fluvial na capital, reinventam a tradição e buscam novas maneiras de expressar sua devoção a Iemanjá, seja na praia, lócus primeiro, seja nas margens do Guaíba, com a imagem de Nossa Senhora de Navegantes levada no mesmo barco que Iemanjá na noite do dia anterior à procissão católica.

2. SEGUNDO ATO: O POLÍTICO E A RUA COMO O ESPAÇO DA POLÍTICA

Cena 2: São quase nove horas da manhã e em poucos minutos a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes sairá da Igreja do Rosário. Estamos neste momento indo pela Mauá em direção a Rodoviária de Porto Alegre; quando olhamos para trás vemos a comitiva de autoridades ali presentes caminhando lado a lado com a comitiva de religiosos encarregados de conduzir a imagem à Igreja de Navegantes. Da comitiva composta por autoridades fazem parte Yeda Crusius (Governadora do Estado), José Fogaça (Prefeito de Porto Alegre), Olívio Dutra (Presidente estadual do PT) e Maria do Rosário (Deputada Federal pelo PT).

Como já escrevi em outro lugar (Meirelles, 2006) muitas coisas mudaram no mundo da política nos últimos anos em razão da nova lei eleitoral, mas também no que tange ao próprio amadurecimento do eleitor brasileiro nestes quase 20 anos de democracia inaugurada com o processo de abertura política e a Constituição de 1988. A chuva de papéis que tão bem descreve Barreira (1998) já não faz parte do cotidiano eleitoral, da mesma forma que, como observam muitos autores, ao que parece, o estilo de fazer política tem-se pautado muito mais por um trabalho de longo prazo e pelo estabelecimento de uma relação direta com o eleitor e com segmentos específicos da sociedade do que pela ritualística chuva de papéis que cobria as ruas da cidade em período eleitoral.

Neste sentido, já nas eleições municipais de 2004 tanto Santos e Schweig (2004) quanto Meirelles & Di Franco (2004) mostravam que a forma de fazer campanha e de ocupar o espaço público haviam mudado, o que talvez indicasse um novo modo de fazer política. Ao observarmos mais detidamente o cenário político e a forma como as coisas acontecem nos anos de eleições, vemos que o embate corpo a corpo e a estratégia do estar presente se torna cada vez mais frequente, levando os candidatos a marcar

presença na maioria dos eventos mais concorridos, nomeadamente religiosos e das mais diversas denominações.

Aqui se enquadra a presença de Maria do Rosário há dois anos atrás em um culto evangélico, buscando apoio para a sua candidatura, tal como no corpo a corpo na procissão dos Navegantes, na missa, fazendo uso da estratégia do estar lá, do aparecer para não perecer. Contudo, outros candidatos à vereança que esse ano retornam às urnas buscando a reeleição, e que são, declaradamente, candidatos pertencentes ao que chamamos de Grupo de Vereadores Católicos (Lima *et al.*, 2004), não compareceram à procissão.

Um exemplo é Odacir Oliboni, que todo o ano participa da festividade religiosa no Morro da Cruz, desempenhando o papel de Jesus Cristo, e que em seu material de campanha evoca essa simbologia, como atesta o trabalho de Tadvald e De Bem (2004). Além dele, temos Carlos Alberto Garcia que tem a sua base eleitoral, fundamentalmente, na área de atuação da Igreja São Jorge, onde participa de várias atividades e comendas desta Igreja durante o ano, entre outros. Contudo, diferentemente do que era de esperar, temos que tanto Oliboni quanto Garcia não se fizeram presentes na procissão.

É certo, todavia, como o desenrolar das últimas campanhas nos mostrou, que a construção da candidatura de um proponente a qualquer vaga eletiva não se dá somente nos quatro meses que antecedem o dia da votação e que este é um processo lento e gradual que se dá ao longo dos dois anos anteriores. O seu clímax é sobretudo aquele que se circunscreve ao próprio ano eleitoral, de modo que, na verdade, mesmo que de forma velada mas já com toda a sua ritualística, uma campanha eleitoral se inicia em torno de seis meses antes das prévias partidárias e que, portanto, por janeiro e fevereiro estes já estão na linha de frente, participando das festividades populares tais como o Carnaval, ou políticas tais como o Fórum Social Mundial quando realizado em Porto Alegre, entre outros.

Para candidatos reconhecidamente católicos, a Procissão dos Navegantes seria portanto um prato farto, todavia estes não estavam lá, ou pelo menos não se fizeram aparecer juntamente com a comitiva de autoridades, que participaram enquanto representantes do povo no parlamento municipal.

Já no que se refere à política do cotidiano o que se observa é um clima de *pax política*⁸ que se faz presente deste a última campanha para presidente e governador, onde, o estilo de campanha utilizada por estes se mostrou bastante diferente daquela de anos anteriores. Nesta campanha prevaleceu em especial uma formação discursiva que

⁸ No latim, *pax* significa paz. Contudo, se considerarmos este cognato como ligado a deusa romana Pax ou a Irene, como era conhecida entre os gregos, esse, assume o sentido de algo passageiro. Outrossim, utilizamos tal construção idiomática com vistas a se referir a uma paz que não é comum, que é passageira e que, de certa forma, assume um caráter efêmero e transitório no que se refere ao mundo da política.

operava sobre o binômio ordem ↔ desordem, ou seja, as críticas ao adversário eram poucas e cada um buscava, à sua maneira, deixar evidente que era capaz de manter a ordem. Prevaleceu, sobretudo, um clima de manutenção da ordem e de continuidade, algo bastante incomum à política, visto que em anos anteriores a sua ritualística tinha como traço marcante o ataque pessoal entre candidatos e/ou a crítica ferrenha aos mandatos anteriores ou ao candidato da oposição.

Neste sentido, no âmbito da macro-política observa-se um fenômeno semelhante, onde em nome de um pretense governo de coalisão, os ânimos são acalmados e a pax conquistada através de uma farta distribuição de cargos entre a oposição e da distribuição de verbas do orçamento entre os colégios eleitorais dos deputados federais. Mais recentemente, temos o caso do abuso de gastos nos cartões corporativos, onde novamente os ânimos são apaziguados através da constituição de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) mista e da extensão do período de análise dos gastos para o mandato do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso que, na opinião dos próprios parlamentares, acabou por esvaziar a CPI.

Do ponto de vista prático temos que, após o escândalo do mensalão, muita coisa mudou na forma de fazer política no que tange à esfera federal, onde o clima que tem reinado é “não vamos atirar pedra no telhado um do outro, pois os nossos telhados também são de vidro”. Já no que tange ao cidadão comum, é fácil constatarmos que, em sua maioria, este se mostra insatisfeito com a forma como a política tem sido feita e cansados da disputa de interesses privados e da “lavação de roupa suja” em rede nacional.

Se nós, antropólogos, que estamos distantes do poder constatamos esse fato a partir de conversas informais com pessoas nas ruas e até dentro de nossos círculos familiares e de amizade, não é difícil de se supor que aqueles que estão na política já tenham se apercebido que a crítica pela crítica não funciona mais. Isso, por sua vez, nos faz crer que estamos diante de uma mudança significativa no que se refere ao cotidiano da política e à própria forma de os políticos se apresentarem e fazerem da política um espaço de interação que é constantemente atualizado em decorrência de experiências e vivências anteriores.

Estar na política é estar sempre num momento liminar, onde se é e não é ao mesmo tempo, onde ritos e mitos são reinventados na esperança de trazer para a berlinda um grande número de eleitores que ficam à deriva, à vontade dos ventos, até poucos minutos antes de votarem. E neste sentido enquanto corporação, como diria Weber, é normal que os políticos lutem em prol de seus interesses e no sentido de manter a sua posição – e a manutenção da pax política parece ser, no momento, um caminho para a

política neste novo século que se inicia. Daí decorre que em nome desta pax política estão, lado a lado na procissão: o ex-Ministro das Cidades, ex-Governador e candidato a reeleição para o governo do Estado do Rio Grande do Sul em 2006, Olívio Dutra (PT); Yeda Crusius (PSDB), atual Governadora do Estado do Rio Grande do Sul; Maria do Rosário, deputada federal e provável candidata à Prefeitura de Porto Alegre pelo Partido dos Trabalhadores (PT); e José Fogaça (PPS), atual Prefeito e possível candidato à reeleição pelo mesmo partido.

Estão todos lá, vivendo a maturidade da democracia brasileira que debutou recentemente e completa, esse ano, vinte anos. Uma democracia que sente as responsabilidades para com o seu povo; este, que, por sua vez, cansou de suas rebeldias *infanto-juvenis*, das festas na Casa da Dinda,⁹ de seus amigos *sanguessugas*¹⁰ e daqueles se usam dela somente para proveito próprio. Assim, é cada vez mais comum que vejamos juntos nos palanques eleitorais aqueles que outrora eram inimigos: Sarney agora é líder do Senado, ex-presidenciais que agora são ministros, Ciro Gomes na Integração e Cristóvão Buarque na Educação. E lá, na Procissão de Navegantes, isso não foi diferente.

3. TERCEIRO ATO: RELIGIOSO E POLÍTICO SE MISTURAM

Gena 3: São quase 11 horas da manhã e a imagem chega à Igreja dos Navegantes, no local um palco montado à frente da Igreja. Nele a esfera do sagrado e do mundano separadas, de um lado a comitiva de religiosos conduz o evento e de outro as autoridades assistem e acompanham os cânticos. A tônica dos cânticos entoados remetem à idéia de mudança e o discurso do orador religioso (Dom Dadeus Grings) evoca a V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe, realizada em Aparecida em 2007. Os valores religiosos são evocados diversas vezes como forma de se produzir tal mudança – há um reforço à religiosidade popular e a força de sua ação evangelizadora – na “nossa cidade”, no “nosso país”, no “nosso continente”.

No que se refere às relações entre o campo político e religioso e ao debate que envolve o tema da secularização/desseccularização da sociedade moderna, existem

⁹ Casa da Dinda é o nome da mansão da família Collor de Mello em Brasília, a qual foi a moradia oficial do então eleito presidente Fernando Collor de Mello. Neste sentido, segundo consta, o então presidente Fernando Collor escolheu a mansão como opção contra as residências funcionais, o Palácio da Alvorada e a Granja do Torto, as quais, em sua concepção, eram escolha de marajás. Outrossim, ficou famoso por ser o “caçador de marajás” e a Casa da Dinda por ser um suntuoso jardim de marajá que Fernando Collor havia construído para si mesmo, segundo reportagem da Revista *Veja* em sua edição de 09/09/1992.

¹⁰ O *escândalo dos sanguessugas*, o qual também ficou conhecido como a *máfia das ambulâncias*, foi um escândalo de corrupção que estourou no ano de 2006. A Comissão Parlamentar de Inquérito instaurada para apuração dos fatos investigou em 90 parlamentares (87 deputados e 3 senadores) os suspeitos de envolvimento no desvio de dinheiro da compra de ambulâncias, a qual acabou cassando o mandato de diversos parlamentares envolvidos no referido inquérito.

diferentes perspectivas teóricas. Contudo, apesar das múltiplas perspectivas existentes no âmbito daqueles que se ocuparão desta relação, há pelo menos três que, de certa maneira, balizam e sintetizam as diferentes compreensões dos cientistas sociais sobre aquilo que se convencionou chamar de processo de desencantamento/encantamento do mundo, segundo a perspectiva weberiana.

Dentre essas três perspectivas de análise com as quais se ocupam uma pluralidade de autores há, pelo menos, dois movimentos distintos, um que se pauta pela existência de um processo de esvaziamento do religioso, e outro, pela sua retomada ou a chamada “revanche de Deus”. Há ainda um terceiro que busca sua síntese na tese de que estaríamos diante de um processo de reorganização e recomposição do campo religioso no contexto da modernidade (Hervieu-Léger, 2005).

Não nos interessa aqui, porquanto, discutir as diferenças que existem entre essas variadas perspectivas de análise, mas sim tentarmos, na medida do possível, dar conta dessas relações que se estabelecem entre o campo político e religioso, sobretudo a partir da perspectiva apresentada por Hervieu-Léger. Neste sentido, tomamos como ponto de partida a cena três que, a nosso ver, apesar de se referir a um espaço de tempo bastante curto se comparado ao tempo do evento como um todo. Contudo, esta sintetiza os propósitos para os quais cada um estava lá.

Os da política, para se ungirem do sagrado e desfazer a imagem belicosa e negativa que os tem assolado. Os católicos, para retomarem o espaço que era seu e que, cada vez mais, é tomado pelo Estado no que se refere a políticas de assistência e pelos pentecostais que, a cada dia, tomam fiéis do catolicismo através da (re)invenção da vivência religiosa e do estabelecimento de uma relação direta com o sagrado. Mas nem sempre a política está onde esperamos que esteja.

Como era de esperar, apesar de a procissão de Nossa Senhora dos Navegantes ser um evento eminentemente religioso organizado pela Igreja Católica de Porto Alegre dentro de seu calendário litúrgico, a política estava lá, fluindo livremente entre leigos e religiosos, entre a estratégia do “aparecer para não perecer” e da “dádiva desinteressada”. Se, entre os leigos, era a primeira a estratégia que se fazia presente, entre os religiosos era o riso dos bispos que se mostrava evidente através da dádiva dissimulada (Bourdieu, 1996), uma vez que não se vendem serviços religiosos ou se faz política na Igreja.



Contudo, em alguns momentos isso transparece com maior facilidade quando, apesar de não se falar em política, esta é feita na prática, no bate-papo entre autoridades religiosas e políticas que vieram lado a lado na procissão e agora dividem o mesmo tablado. O religioso sacraliza aqueles provindos do profano, que entoam cânticos e seguem a liturgia diante do olhar atento de milhares de fiéis. O político profaniza aqueles provindos do campo do sagrado que, em seu discurso litúrgico, evocam a mudança e a transformação social como base para a retomada do processo de evangelização e a reconquista do espaço perdido junto à sociedade – hoje, ocupado por outras religiões ou pelo próprio Estado.



Seria portanto normal, dado que a política pertence à esfera do profano, que encontrássemos entre as autoridades políticas (os leigos) forte viés político em sua ação. Mas na verdade estes somente se fizeram presentes, estavam lá, e, assim como os fiéis, à sua hora entoaram cânticos e seguiram a liturgia proposta. Mas, ao contrário, é entre aqueles pertencentes ao sagrado que vemos a “revanche de Deus”. E é Dom Dadeus Grings que traz para a procissão as proposições da V Conferência Geral do Episcopado

Latino-Americano e do Caribe, evento este marcadamente político em suas propostas para a retomada do Catolicismo na América Latina.¹¹

CONSIDERAÇÕES FINAIS: EPÍLOGO

Como dissemos anteriormente, na modernidade, segundo o paradigma atual da ciência, político e religioso estão separados e pertencem a campos de estudo diferenciados. Contudo, vimos também que existem momentos em que a sociedade se esvaziou da religião e decretou a “morte de Deus”, como no caso da separação entre a religião e o Estado no chamado processo de desencantamento do mundo, mas, também, que o catolicismo busca hoje, reencantá-lo, propondo a “revanche de Deus” a partir da América Latina e da retomada de seu espaço através de uma resposta agressiva às outras religiões, apartando crenças e politizando o processo de evangelização através de uma postura crítica e transformadora em relação à realidade. Neste sentido, se torna difícil separar o político do religioso, visto que, se pensarmos sobre a ótica weberiana, toda a ação humana é uma ação política, visto que envolve fins para o qual se destina e se pauta por valores, crenças e/ou tradições tomadas *a priori*. Vence o primeiro round desta disputa o religioso em detrimento do político, uma vez que são retomados, na prática cotidiana, valores e crenças religiosos de outrora, os quais são reiterados na procissão.

Assim, o que se constata, a partir da observação etnográfica da procissão de Nossa Senhora dos Navegantes, é que tais fronteiras entre o político e o religioso não são tão fluídas e porosas, como diria Oro (1997), mas que estes se usam de seu duplo como forma de intervir no mundo e legitimar a sua ação. Os provindos da política sacralizam-se através da construção de um imaginário de pax política e os provindos do campo religioso mundanizam o seu discurso através da retórica política, para retomar o seu espaço de outrora através do processo de evangelização e transformação do mundo. Há, portanto, a partir do exposto, uma reorganização e recomposição daquilo que se entende por religioso e por político através de uma bricolagem de valores que são tornados evidentes na atuação de lideranças políticas e/ou religiosas que deste evento tomaram parte. A religião toma para si o político, seculariza-se e busca reconquistar o seu espaço, reiventando novas práticas a partir de sua retórica, vence o religioso mais uma vez, quando consegue incorporar seu duplo em sua práxis cotidiana.

E por fim, para fechar a vitória do religioso sobre o político, temos a retórica utilizada por Dom Dadeus Grings que, para além do religioso, busca, entre os fiéis ali presentes, resgatar um imaginário político de luta, de criar estratégias, de ocupar espaços perdidos

¹¹ Para entender melhor a posição assumida por Dom Dadeus Grings e o forte viés político de sua intervenção sugere-se a leitura dos documentos da conferência disponíveis no documento eletrônico: www.celam.org/MisionContinental/Documentos/Portugues.pdf.

para outras religiões. Entre os políticos e de forma dissimulada fez-se por sua vez presente um clima de pax universal que não deixa nada a dever a muitos eventos ecumênicos. Na modernidade-mundo ritos e mitos são reinventados e atualizados a toda hora. Tanto entre os que pertencem à esfera secular, dos leigos e das autoridades políticas que ali sacralizaram-se ao entoar os cânticos, como entre os que pertencem à esfera do não-secular, que de posse de uma retórica política bastante incisiva instou os fiéis a tomarem posição nessa luta de reconquista do espaço do catolicismo no interior do imaginário e da sociedade brasileira que, outrora, já foi a religião oficial do Estado.

MAURO MEIRELLES

Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2002) e Mestre em Educação, pela Universidade (2005). Foi professor substituto (assistente) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul de 2005 a 2007. Atualmente cursa o Doutorado em Antropologia Social na UFRGS e trabalha junto ao Núcleo de Estudos sobre Religião com o professor Ari Pedro Oro. Tem experiência na área de Educação e Antropologia, em especial no desenvolvimento de softwares e métodos de pesquisa. Sua principal área de atuação reside nos estudos sobre Antropologia e Política, na construção e produção de indicadores estatísticos e, também, na produção de materiais destinados a Educação a distância e a formação de licenciados em Ciências Sociais.

Contato: mauro-meirelles@hotmail.com.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Barreira, Irllys (1998), *Chuva de papéis: ritos e símbolos de campanhas eleitorais no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará [1ª ed.].
- Bourdieu, Pierre (1996), *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papyrus [1ª ed.].
- Da Matta, Roberto (1981), *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro, Editora Zahar [3ª ed.].
- Da Matta, Roberto (1991), *A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Guanabara/Koogan [4ª ed.].
- Hervieu-Léger, Daniele (2005), *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Lisboa: Gradiva [1ª ed.].
- Lima, Antônio J. F. de; Marques, Bruno Ribeiro; Castilhos, Jonas de Souza; Salvador, Thais Vanessa (2004), "Vereadores católicos: elementos para a reflexão sobre a diversidade articulada do campo político", *Debates do NER*, 5(6), 34-62.
- Magnani, José Guilherme Cantor (2000), "Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole", in José Guilherme Cantor Magnani e Lilian de Lucca Torres (orgs.), *Na metrópole: textos de Antropologia Urbana*. São Paulo: Editora da USP, 12-53.

- Magnani, José Guilherme Cantor (1984), *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Brasiliense [1^a ed.].
- Meirelles, Mauro; Di Franco, Aline (2004), “O Político e o religioso nas eleições municipais de 2004 em Porto Alegre: ou a metáfora do Grenal”, *Debates do NER*, Porto Alegre, 5(6), 157-170.
- Meirelles, Mauro (2006), “Nem sempre as coisas foram assim: ou dos (des)encantamentos do campo político e religioso frente as eleições de 2006”, *Debates do NER*, Porto Alegre, 7(10), 51-64.
- Oro, Ari Pedro (1997), “Neopentecostais e afro-brasileiros: quem vencerá esta guerra?”, *Debates do NER*, 1, 10-36.
- Oro, Ari Pedro (2007), “O Bará do Mercado Público”, in Ana Luiza Carvalho da Rocha e Rafael Devos (orgs.), *A tradição do Bará do Mercado*. Porto Alegre: PMPA/SMC/CMEC, 31-51 [1^a ed.].
- Santos, Márcio Martins dos; Schweig, Grazielle Ramos (2004), “Irmãos e companheiros: a campanha dos candidatos da Igreja Universal nas Eleições de 2004 em Porto Alegre”, *Debates do NER*, 6, 83-112.
- Salvador, Thais Vanessa (2006), *Peregrinação a Santa Paulina: um novo modo de peregrinar*. Porto Alegre: IFCH/UFRGS. [Trabalho de Conclusão de Curso Graduação em Ciências Sociais].
- Tadvald, Marcelo; De Bem, Daniel Francisco (2004), “A apropriação da discursividade religiosa pelos campos políticos”, *Debates do NER*, 6, 63-82.